

REVISTA
BRASILEIRA
DOS MUNICÍPIOS

IBGE — CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Nº 47/48 — Ano XII — Julho/Dezembro — 1959

REVISTA BRASILEIRA DOS MUNICÍPIOS

N.º 47/48 — Ano XII — Julho/Dezembro — 1959

SUMÁRIO

	Pág.
Município e Administração	J. Guilherme de Aragão 105
Aspectos do V Congresso Nacional dos Municípios ..	Manoel C. Bandeira de Mello 114
Brasília, a Cidade Nova	Mário Pedrosa 117
A Desigualdade Entre os Municípios	A. Delorenzo Neto 122
<i>Estudos Regionais</i>	
Salvador e o Deserto	Milton Santos 127
<i>Economia & Finanças</i>	
Balancos Municipais de 1958	129
<i>Vida Municipal</i>	
<i>Através da Imprensa</i>	
A Criação de um Município deve Representar Progresso	148
<i>Brasil em Revista</i>	
Flagrantes Municipais	151
<i>Reportagem</i>	
V Congresso Nacional dos Municípios	157
<i>Notas & Comentários</i>	
Municípios Brasileiros de Maior Progresso em 1959 — População de Sergipe — Demografia Alagoana — Censo Experimental de Brasília — Concurso sobre Municipalismo — Notícias do IBAM	165
<i>Estatística Municipal</i>	
Produção Industrial Brasileira — 1957	168

A REVISTA BRASILEIRA DOS MUNICÍPIOS,
publicação trimestral do Conselho Nacional de
Estatística, é órgão oficial da Associação Brasileira
dos Municípios.

Diretor responsável: HILDEBRANDO MARTINS DA
SILVA

Secretário: VALDEMAR CAVALCANTI

Assinatura anual: Cr\$ 100,00.

Tôda correspondência deve ser encaminhada à sede
do Conselho Nacional de Estatística, Avenida Franklin
Roosevelt, 166. Telefone 52-3605.

SALVADOR E O DESERTO

MILTON SANTOS

QUEM deixa Salvador pela estrada de rodagem, não pode se furtar a uma reação de espanto ou surpresa, vendo a extrema rarefação do povoamento, a quase completa ausência da vida humana, derredor de uma cidade que beira os 600 mil habitantes. Cidades são, por definição, aglomerações que não produzem para sua subsistência. Por isso, criam em tôrno o que esquemáticamente se chama de "cinturão verde" mas pode até deixar de ser um cinturão, geomètricamente falando. Admira, portanto, que Salvador esteja cercada pelo que, sem exagêro, podemos chamar de verdadeiro deserto.

As estradas, nessa área que, de um lado, vai até bem perto de São Sebastião e, nos outros ramais compreende boa parte dos municípios de Camassari e de Mata de São João, atravessam terrenos nus. Isso acontece desde as portas da cidade, logo depois que se deixa o pôsto de Campinas. É uma paisagem triste, uma verdadeira desolação. Primeiro, as colinas se sucedem cobertas de uma vegetação pobre e de uma ou outra cultura, ou sustentando uma misérrima criação extensiva de gado sem raça. Mais adiante, a sensação de que se está num deserto se agrava, quando se chega às dunas e aos areais de Camassari. Como tudo isso é diferente do massapê povoado de verdejantes culturas de cana ou dos tabuleiros do fumo, onde pulula uma humanidade sofredora, mas que disputa o menor palmo de terra, lavrando-o, é-se tentado a dizer que com amor!

Dir-se-ia — e essa foi a primeira das interpretações que ocorreram — que a natureza do solo seria hostil à presença humana. Pobres de fertilidade natural, as terras não se prestariam à cultura. Daí o seu abandono.

Mas, será isso verdade?

De fato, quando num corte transversal, deixamos a estrada principal rumando o litoral, o contato entre as formações da fossa tectônica e o embasamento cristalino representa, também, o contraste entre a população rala, as raras manchas de cultura do cretáceo e uma vegetação mais exuberante, a presença humana mais freqüente, o número das culturas. Na estrada entre Camassari e Praia do Forte, por exemplo, o povoado de Emboracica representa êsse ponto crítico.

Por outro lado, saindo-se de Salvador pela primitiva estrada dos Ávila, beirando o litoral, é outra a impressão que se tem. Vendo as pequenas roças, os quintais verdejantes, que margeiam aquela via quase sem utilização, nem de longe se poderia suspeitar que a estrada principal, incessantemente trafegada, tivesse sido incapaz de criar a vida, depois de três séculos.

Tais fatos permitem uma primeira interpretação quase mecânica do fato. Pois nos sentimos tentados, numa primeira impressão, a correlacionar o cristalino com as culturas alimentares, as formações Santo Amaro e São Sebastião com a da cana-de-açúcar, os tabuleiros terciários com a presença do fumo, enquanto as demais formações seriam geradoras do deserto.

Tudo isso, porém, é muito esquemático, pois os fatos não se comportam com tal simplicidade. De resto, — que isso não pareça uma heresia, nem mesmo um paradoxo — o solo, isto é, a sua qualidade, nunca constituiu obstáculo às grandes cidades, para a formação de uma zona de culturas alimentares, de produtos fàcilmente perecíveis, como as hortaliças, os legumes, as frutas, enfim, em uma palavra os primores, por cujo alto preço as populações urbanas, portadoras de melhores salários, podem pagar. Hábitos

alimentares mais requintados, ou mais saltares provocam e asseguram a formação de tais "cinturões verdes", onde o solo se cria ou recria e os adubos lhe restituem a fertilidade.

No caso de Salvador, o tradicional abastecimento que, através dos saveiros, vem do Recôncavo sul, a zona de Nazaré e de Maragogipe, entre outras, não parece que tenha se desenvolvido na proporção do crescimento da população urbana, nem, tampouco, do crescimento da classe média urbana. Por outro lado, essa curiosa vida rural dentro da cidade tende a diminuir e acabar com o avanço furioso dos loteamentos.

Esse aumento de população, essa progressão da classe média, têm modificado, sem dúvida, a paisagem derredor da cidade. O número de chácaras tem aumentado, têm-se multiplicado as culturas de primores, mas a área acima mencionada — o deserto — continua quase indiferente à cidade. Diz-se quase porque há as novas estradas, tanto a Bahia—Feira, como as que está abrindo a Petrobrás. E há os loteamentos.

Curioso! Estradas e loteamentos, com uma movimentação de terras nem sempre bem imaginada, estão provocando o assoreamento dos fundos com material grosseiro que mata a vegetação natural e esteriliza exatamente os pedaços de terra mais adequados à implantação da cultura. Um argumento a mais, um argumento de fato, contra a implantação agrícola nessa área!

Mas, nada disso é argumento suficiente. O que se passa às portas de Salvador parece ser mais um exemplo da influência da estrutura da propriedade na formação de uma paisagem. É um problema que deve preocupar a quantos atualmente se interessam pela solução dessa grave questão que é o abastecimento da cidade. Problema de abordagem delicada e difícil, não pelos interesses a contrariar — os quais não devem atemorizar o cientista — mas pela insensibilidade de certos órgãos públicos, sempre dispostos a impedir aos estudiosos uma aproximação às fontes da verdade, isto é, dos fatos.

De que natureza é a propriedade nessa área desértica, em tórno de Salvador? É um quase mistério que só a Prefeitura, querendo, pode ajudar a decifrar. Como. Pondo à disposição dos estudiosos os seus tão úteis, quanto impenetráveis cadastros.

Tudo indica, à primeira vista, que a desertificação dessa área é mais um fato humano que natural. A ausência de culturas e de cultivadores parece prender-se à impossibilidade de acesso a êsse solo, que os proprietários guardam avaramente, na esperança de loteamentos rendosos, que aliás, já começam a fazer-se, mesmo a 40 quilômetros da cidade, depois que as obras custeadas pelo Estado (União, Petrobrás, Estado da Bahia, Prefeitura) valorizam ainda mais êsses terrenos.

Se a Prefeitura dispusesse de um mapa dos loteamentos em curso e o quisesse franquear aos curiosos, poder-se-ia acreditar que esperamos para muito dentro em breve uma população de mais de 1 milhão de habitantes. Os lotes já abertos, com a simplória e simpática autorização municipal, chegam para abrigar, salvo engano, outra população igual à que temos.

É mais um aspecto da influência da especulação na vida urbana; mais um exemplo da impotência municipal para impedi-la; mais uma mostra de como uma estrutura defeituosa, quando não corrigida, pode conduzir a males insuspeitados.

Esse deserto de Salvador é obra dos homens. Se a Prefeitura pudesse agir com coragem, impedindo loteamento nas áreas mais apropriadas à cultura, disciplinando corretamente o crescimento da cidade, estaria em suas mãos transformar êsse deserto em vergel substituindo a desolação dos espaços vazios e a cupidez que se lê no quadriculado dos loteamentos, pela vida e pelo trabalho dos homens nas quadras ideais das granjas, dos pomares, das hortas.